

Corpos em risco: uma experiência de supervisão com Christophe Dejours¹

Dionela Pinto Toniolo²

Resumo: Os trabalhadores que realizam tarefas de alto risco desenvolvem mecanismos psíquicos próprios para conviver com a possibilidade diária de acidentes de trabalho, os quais influenciam em suas relações familiares. Quais seriam as consequências para o desenvolvimento de seus filhos? Neusa é uma mulher de 36 anos, solteira, que procura atendimento devido a sintomas gastrointestinais iniciados no dia do enterro do pai, que era marceneiro. Apesar de morar na capital do estado, ter doutorado e exercer função importante em seu emprego público, Neusa tem poucos amigos, vive só e sua rotina segue muito ligada à sua família, que permanece em uma localidade do interior. O caso de Neusa foi levado para supervisão clínica com o Dr. Christophe Dejours, que é psiquiatra, psicanalista e assistente de Medicina do Trabalho da Faculdade de Medicina de Paris. Ele partiu da hipótese de que o fator traumático desencadeante para os sintomas psicossomáticos dessa paciente tenha sido a morte de seu pai, um trabalhador em situação de risco. Trabalhadores como seu pai, que desempenham tarefas que oferecem algum risco à saúde e/ou à vida, tendem a suprimir suas fantasias e o pensamento imaginativo, a fim de evitar acidentes. Seus filhos, por sua vez, podem renunciar seu próprio mundo de fantasias através da identificação com os pais. Essa identificação pode levar à experiência de não habitar seu próprio corpo. Para Dejours, vivemos simultaneamente em dois corpos: o corpo biológico, que é o corpo dos órgãos e das funções, ou seja, o corpo que figura nas pranchas de anatomia, o qual examinamos no microscópio ou que tratamos com antibiótico; e o corpo erótico, que é o corpo vivido, aquele que “habitamos”, através do qual experimentamos a vida, o sofrimento, o prazer, a excitação sexual, o desejo. O corpo biológico é inato e é a partir dele que se constrói o corpo erótico, que é da ordem do adquirido.

1 Trabalho apresentado como tema livre na Jornada da Brasileira 2019 – CAMINHOS DA DOR, da SBPdePA.

2 Médica-psiquiatra. Membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Palavras-chave: Identificação com a mãe na comunidade da renúncia. Inconsciente amencial e psicossomática. Luto e psicossomática. Psicossomática e trabalhadores de risco.

Introdução

Este trabalho traz o relato de uma experiência de supervisão coletiva com o psicanalista Christophe Dejours, que tem uma teoria própria para explicar as patologias psicossomáticas, baseado na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. Dr. Dejours destacou o fato de a paciente ser filha de um trabalhador de uma atividade de risco – um marceneiro, o que fez com que seu psiquismo se desenvolvesse com certas peculiaridades, descritas por D. Braunschweig e M. Fain como *identificação com a mãe na comunidade da renúncia* (Braunschweig & Fain como citado em Dejours, 2019), no caso discutido, com o pai. Esse conceito será discutido ao longo do trabalho.

O modelo de mente para Christophe Dejours

O modelo de aparelho mental de Christophe Dejours baseia-se na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche (1924-2012), por quem foi, ao mesmo tempo, influenciado e influenciador.

Dejours é um reconhecido psiquiatra e psicanalista francês. Professor titular da disciplina Psicanálise-Saúde-Trabalho e diretor de pesquisa da Universidade René Descartes Paris V, no laboratório de Psicologia Clínica, Psicopatológica e Psicanalítica. Professor no Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM), onde dirige a equipe de pesquisa *Psicodinâmica do trabalho e da ação*. Membro titular e atual vice-presidente da Associação Psicanalítica da França (AFP), Presidente do Conselho Científico da Fondation Jean Laplanche – Institut de France – e membro titular do Institut de Psychosomatique-Pierre Marty (Calich, 2019).

Dejours é considerado o “pai da psicanálise do trabalho” (disciplina que estuda as relações psíquicas do homem com seu trabalho, as realizações e o sofrimento nelas envolvidos e as estratégias de defesa para lidar com as diversas aflições, com suas repercussões no corpo e no estabelecimento da identidade individual). É autor também de diversas contribuições originais no estudo da psicossomática (Calich & Radke, 2019).

Na confluência dessas duas áreas de estudo está o corpo. Sua primeira publicação sobre o assunto data de 1986 (*O corpo, entre a biologia e a psicanálise*),

quando delimita cuidadosamente a diferença entre o corpo biológico e o corpo erótico, este último visto como resultado do trabalho de representação do corpo biológico no psiquismo, com seu investimento, suas falhas de representação e sua psicopatologia (Calich & Radke, 2019).

Foi Freud quem abriu caminho para a concepção da gênese do segundo corpo com a noção de apoio (*Anlehnung – leaning on*), introduzida em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: “as pulsões sexuais, que só se tornam independentes secundariamente, apoiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte biológica, uma meta e um objeto” (Freud, 1905/1972).

Dejours desenvolve a ideia de que as pulsões sexuais parciais anais e vesicais [uretrais], por exemplo, vetorizadas pela busca dos prazeres corporais marcam um progresso da criança na emancipação em relação à ordem fisiológica que dominava até então o funcionamento de seu corpo. Quando esses novos jogos corporais são experimentados, os esfíncteres se tornam zonas erógenas. Esse segundo corpo – o corpo erógeno – origina-se, então, a partir do primeiro corpo – o corpo fisiológico – por intermédio dos apoios sucessivos que são conquistas graças às quais a criança tem acesso à sexualidade, ao mesmo tempo em que se emancipa das determinações biológicas de seu comportamento (Dejours, 2019).

Do ponto de vista de Dejours³, a tradução tentada pela criança não se relacionaria diretamente com a mensagem do adulto. A criança procuraria traduzir o que é sentido em seu corpo, sob o efeito da implantação da mensagem comprometida pelo adulto. Esse é um detalhe na análise metapsicológica, mas, de fato, Laplanche, como Freud, não queria que sua investigação se embrenhasse no campo de uma metapsicologia do corpo. Assim, o conceito de implantação permanece de alguma forma sem evolução teórica. Dejours pensa, no entanto, que a implantação está no começo da formação do segundo corpo a partir do corpo biológico. O que a criança tenta traduzir, portanto, seria antes e acima de tudo o que é experimentado em seu próprio corpo após a implantação. Em um texto em que discute Laplanche, Howard Levine diz que a porção não traduzida da mensagem continua a funcionar como “uma farpa sob a pele” (“*that sets in motion an ummending ‘itch’ for containment via representation and soldering to a self-narrative that possesses personal meaning...*”). A metáfora da coceira é muito pertinente porque sinaliza a dimensão da excitação. A coceira irrita, exaspera e pode até ser dolorosa, mas também é uma manifestação sensual do corpo experimentado pelo eu (Dejours, 2019).

3 Conferência proferida no 3º Simpósio de Metapsicologia da SPPA - Christophe Dejours, em maio de 2019.

Na experiência clínica de Dejours, principalmente no campo da psicossomática, ele observou que os jogos em torno dos cuidados corporais podem, às vezes, excitar o adulto a ponto de desencadear um comportamento compulsivo. Não no sentido do abuso sexual, mas no sentido de um movimento de aversão e ódio contra o corpo da criança que, pela perda de controle da excitação, leva o adulto a atos de violência contra o corpo da criança (Dejours, 2019).

Excedida pela excitação que a violência do adulto ou o abuso sexual provoca nela, a criança não consegue mais pensar. Seu eu entra em crise e corre o risco de uma ruptura, a menos que reaja *in extremis* por um estado de estupor, sideração, paralisia do pré-consciente. Nessa situação, como o eu é paralisado, não pode haver trabalho psíquico, não pode haver tradução. Essa situação pode ser caracterizada como um “acidente da sedução” (Dejours, 2019).

Se não houver tradução, também não pode haver resto de tradução. Em outras palavras, a dinâmica tradução/resíduo de tradução sendo impossível, não há lugar para o recalque. Aquilo que se sedimenta no plano do funcionamento psíquico não pode, portanto, situar-se no inconsciente sexual recalcado/pré-consciente. No plano tópico, forma-se outro inconsciente não recalcado, não tradutivo, radicalmente sem tradução, que Dejours propõe designar como inconsciente amencial (Dejours, 2019).

Esse inconsciente que não procede do recalque se forma por uma operação de proscricção, de exclusão ou de “encravamento”, termo este empregado por Laplanche, que, em vez de inconsciente amencial, propõe o termo inconsciente encravado (Dejours, 2019).

Essa tópica faz surgir a clivagem não como uma defesa, mas como o resultado tópico da diferença entre os processos de formação dos dois inconscientes: um é formado pelo recalque e o outro, pela proscricção.

O primeiro inconsciente, o sexual recalcado, é a fonte interna das pulsões sexuais. O setor tópico onde ele tem um papel organizador possui todas as características aparentes de um funcionamento neurótico: o recalcado tende a retornar ao pré-consciente sob as formas variadas do ato falho, do lapso, da fantasia, do sonho, da lembrança encobridora e do sintoma. A censura entre o inconsciente sexual recalcado e o pré-consciente funciona como uma membrana semipermeável.

Em compensação, quando se trata do inconsciente amencial, em tempo normal, não há retorno. A parte esquerda da tópica corresponde ao corpo erógeno, graças ao qual e no qual são experimentados os afetos. A parte direita da tópica corresponde aos fracassos da subversão libidinal e às agenesias do corpo erógeno. Os jogos corporais nesse lugar são proscritos. Quando solicitados pelo corpo a corpo do encontro amoroso, esses jogos provocam o apagamento do afeto, a experiência do corpo frio e, às vezes, o risco de sentir o corpo se retirar e sentir o

horror da vida que foge de si. É um prelúdio à descompensação psicopatológica ou somática.

Todos nós temos uma zona amencial mais ou menos extensa. Do ponto de vista da economia erótica, isso se concretiza nos limites que o inconsciente amencial impõe ao poder de jogar com o corpo, isto é, aos jogos corporais que são proscritos do encontro amoroso.

Assim, Dejours introduz sua concepção de uma “terceira tópica” baseada na clivagem e na existência de um novo espaço inconsciente, o “inconsciente amencial”, termo derivado da “amência” de Meynert, que alude ao que ainda não é mental (a-mencial) (Calich & Radke, 2019).

O caso

Neusa é uma moça de 36 anos, pedagoga, solteira, possui doutorado e é concursada no corpo técnico de uma universidade pública.

Procura atendimento há 3 anos, primeiramente clínico, encaminhada por sua gastroenterologista, que dá o nome de uma colega, a qual estava com a agenda lotada e, por sua vez, me indica. Referiu que, há 3 anos, apresentava crises de diarreia e fortes dores no estômago. A primeira crise foi durante o velório do seu pai, quando necessitou atendimento em emergência clínica. Passou a ter essas crises periodicamente, indo algumas vezes procurar ajuda em emergências clínicas, sobre as quais descreve como “os piores lugares em que já estive na vida”. Nesses períodos de diarreia e dor no estômago, ficava com muito medo de sair de casa e ter dor de barriga, sentia-se muito ansiosa, dormia mal, tinha sensação de sufocamento, não conseguia ficar sozinha em casa, pedindo para uma de suas irmãs do interior vir ficar com ela. Fez investigação clínica e foi diagnosticada com pangastrite e intolerância à lactose.

Neusa é uma moça alta, de uma beleza exótica, mas visivelmente muito tímida e um pouco “desengonçada”. Tem um sotaque típico dos descendentes de italianos da serra. É a mais nova de três irmãs, todas solteiras, e ainda moram com a mãe. A família da mãe e do pai são naturais de uma pequena localidade, batizada em homenagem à Nossa Senhora da Anunciação, onde ainda moram alguns familiares e onde o pai foi velado e enterrado. Neusa guarda boas recordações da infância desse local, mas não tem conseguido retornar devido a “lembranças vívidas do enterro do pai”.

Foi a única das irmãs que veio estudar e morar em Porto Alegre. Passou para o segundo semestre de pedagogia na universidade em que trabalha hoje, logo após terminar o ensino médio. Refere que morou algum tempo com um primo

e sua esposa até encontrar um apto para alugar e, desde então, mora sozinha. Sempre se aproximou de amigas mais velhas durante a faculdade e diz ser muito seletiva quanto às amizades, pois não é qualquer assunto que a interessa. Logo após concluir a faculdade, fez mestrado. Após, ficou alguns meses estudando para concursos públicos, até ser aprovada em uma das seleções e ser nomeada na vaga atual, que ocupa há 10 anos. Concluiu seu doutorado no ano passado e foi convidada para preencher uma posição importante, que alimenta todo o sistema de informações de sua área, devido ao destaque de sua tese.

Tem poucos amigos, nunca namorou e é virgem. “Ficou” com alguns rapazes durante a adolescência e a faculdade. Sonha em casar e ter filhos, mas tem muita vergonha de se expor e conversar com os homens. Guarda más recordações da adolescência por ser a mais alta da turma e ter orelhas de abano (operadas quando Neusa completou 14 anos). Diz que sente que vive no automático, como se nunca tivesse se questionado, mas sem sofrimento. Porém, “as coisas saíram do controle com a morte do pai”.

Logo após procurar tratamento, tentou-se a retirada do medicamento, mas Neusa reagiu com fortes crises de diarreia e ansiedade, não conseguindo sair de casa. Assim, voltou a tomar a medicação e buscou psicoterapia de orientação analítica.

Após 3 anos de terapia semanal, frente a frente, muito voltada para os sintomas somáticos, começou a ser observado o seu jeito de ser desde a infância, sempre focada no trabalho e nos estudos e deixando de lado seus sentimentos. Começamos, então, a conversar sobre a possibilidade de iniciar análise, o que se dá paralelamente à minha formação. Ela iniciou comparecendo a três sessões por semana.

Fragmento de dialogada

P: A mãe e a minha irmã foram me visitar esse final de semana, mas eu fiquei o tempo todo me lembrando de quando elas vinham aqui porque eu “tava” mal, não consegui curtir a visita. Uma hora, eu e a mãe fomos nos deitar depois do almoço e eu fiquei pensando que a mãe já “tá” com uma idade e eu não vou aguentar quando ela morrer. Como tu diz, eu não consigo aproveitar o momento...

A: E a tua prima, acabou não indo?

P: Ah, nem te falei, né? Ela foi na outra semana, foi tudo bem. Ela é bem mais agilizada do que eu era, bem mais comunicativa, sempre foi, desde criança. Eu tinha uma invejinha dela porque ela sempre *tava* lá com o pai. Mas depois me lembrei que eu também era apaixonada assim, vamos dizer, pelo meu tio, aquele que morava do lado. Aquele que dirigia. Ele gostava de ler, era envolvido com a política do local... não sei porque eu gostava tanto dele...

A: Parece que tu sabes...

P: É, ele não era só de trabalhar, que nem o pai, ele foi subprefeito e, depois, prefeito lá de X. Deu todo aquele problema que X se emancipou e depois voltaram atrás e o tio era prefeito nessa época, se incomodou um monte. O pai *tava* sempre trabalhando, acordava antes da 6, ia para marcenaria, abria para os funcionários chegarem – era na frente de casa. Às 8h, ele vinha tomar café, quando eu não tinha colégio ainda, eu tomava café junto, tinha até polenta aquela na chapa... (me olha para que eu a ajude a recordar o nome)

A: Brustolada? (forma de preparar a polenta típica da colônia italiana aqui do RS)

P: Isso mesmo, brustolada! Depois, vinha no meio da manhã para tomar café, para almoçar, café da tarde e, de noite, ficava até tarde, até umas 8 – 9h. Quando eu era pequena, eu ia lá para a marcenaria brincar para ficar mais tempo junto com ele, ficava lá no meio das madeiras... Depois, quando fui crescendo, fui me dando conta de que o trabalho do pai era muito perigoso, de que poderia acontecer um acidente grave, cortar um braço, um dedo...

A: Sim, a serra circular é muito perigosa... (Lembro do meu estágio no último ano de medicina, em que vi muitos acidentes com a serra circular na sala de suturas do Hospital de Pronto Socorro)

P: É, todo mundo tinha medo da circular, poderia cortar um membro. Era sempre um alívio quando o pai chegava em casa. Às vezes, ele chegava com uma lasca de madeira no dedo e eu lembro que a mãe tirava com uma agulha.

A: Uma felpa.

P: Eu não lembro se ela chamava assim, mas lembro dela tirando do dedo dele, às vezes entrava no meu dedo também.

A compreensão do caso segundo Dejours

Após um minuto de silêncio reflexivo – o que, para mim, parecia uma eternidade, Dejours me faz breves perguntas: Como a paciente descreve o pai? Como eu descreveria a natureza da relação dessa paciente com o pai? Isso me pega de surpresa, porque, na verdade, eu nunca havia percebido que, apesar do luto tão sofrido e demorado, a paciente fala de sua relação com o pai de uma forma vaga e etérea. Com essa resposta, Dr. Dejours volta a silenciar e a assumir uma feição reflexiva.

Enfim, ele lança sua hipótese. A paciente tem como desencadeante a morte do pai, que é considerada uma situação traumática. A qualidade da natureza da relação entre pai e filha nos remete ao que Braunschweig e Fain chamaram de

identificação com a mãe na comunidade de renúncia (Braunschweig & Fain como citado em Dejours, 2019), neste caso, com o pai.

O funcionamento psíquico do pai, trabalhador de uma atividade de risco que tomava a maior parte do seu dia, é típico desse tipo de trabalhador. Eles desenvolvem estratégias para suportar a possibilidade de acidentes presente num período maior que 12 horas do seu dia.

Dejours lembra que a observação de trabalhadores que recebem salário por unidade produzida (peça, serviço ou obra) pode estabelecer a relação da repressão com a psicossomática. De fato, esse modo de organização de trabalho leva experimentalmente à depressão essencial. O operário remunerado por unidade produzida tem de lutar contra o seu funcionamento mental e contra qualquer forma de retorno do recalcado que se oponha inevitavelmente à mobilização e ao investimento sensório-motores que, nessa situação, são uma exigência contínua a cada instante, sem qualquer falha. Por isso, é possível mostrar que o exercício excessivo e frenético de desempenhos sensórios-motores pode interromper o funcionamento pré-consciente. Na verdade, não se trata de qualquer desempenho. A tarefa é repetitiva e estereotipada – características fundamentais para abrir a via da repressão instintual (Dejours, 2019). Esse mesmo mecanismo pode ser aplicado para os trabalhadores de risco, como Dejours aplica ao caso do pai de Neusa.

Nos termos de teoria de sedução generalizada de Jean Laplanche, diríamos que a mensagem do adulto não pode ser submetida a um trabalho de tradução. Talvez não tanto porque o código de tradução seja falho, mas porque o trabalho de tradução é bloqueado pelo comportamento do adulto. No cerne dessa perturbação, dessa interação adulto-criança, parece ser encontrada muitas vezes a intenção (inconsciente) do adulto de impedir o pensamento da criança, ou seja, as fantasias, a curiosidade, o desejo da criança de compreender e traduzir. Seriam deliberadamente conteúdos de pensamentos que possam surgir na mente da criança, manifestando o desejo desta de compreender e traduzir as fantasias do adulto, que este combate e tenta neutralizar. Para isso, ele sobrecarrega o aparelho psíquico da criança. Provoca nele uma ruptura para impedir o pensamento e consegue, geralmente, espancando a criança ou, mais raramente, rompendo brutalmente o contato com ela: “para puni-la”, deixa-a sozinha, com o excesso de excitação que resulta disso (Dejours, 2019).

No desenvolvimento ulterior da criança, essa zona traumatizada do corpo (erógeno), onde se cristalizou a falha de erogeneidade e da capacidade de pensar, manifesta-se de forma peculiar em condutas específicas. Nas relações com o adulto, quando as interações se aproximam da zona perigosa, a criança adota

uma das duas posições seguintes. Ao sentir a aproximação da crise do adulto, que é uma forma de descompensação psicopatológica, ela se torna aliada e terapeuta dele. Para conjurar a crise, a criança cessa o jogo e acalma o adulto. Essa aliança na recusa foi descrita por Denise Braunschweig e Michel Fain sob a denominação de “identificação com a mãe na comunidade da recusa”. A outra estratégia da criança ao se aproximar da zona perigosa consiste em se antecipar e, para diminuir a excitação desestruturante (medo) da crise que a espera, produz, provoca a violência do adulto, para acabar com ela e descarregar, assim, a excitação deste. De fato, após uma crise, o adulto torna-se mais sereno, e a comunicação pode ser restabelecida (Dejours, 2019).

Essa hipótese da cristalização de zonas frias desprovidas de qualquer potencialidade erógena, durante o desenvolvimento, leva a se reconhecer uma forma de sedimentação, de materialização, de anatomização da história das relações entre a criança e o adulto. A história da subversão libidinal poderia, então, ser decifrada sob a geografia do corpo erógeno. As zonas excluídas da subversão libidinal se tornariam, em seguida, incapazes de participar do “agir expressivo” (Dejours, 2019).

No caso de Neusa, Dejours comenta que o pai passou a vida sob a égide de uma supressão de afeto e de fantasias a fim de aumentar sua concentração em um trabalho de risco. Sua filha, por identificação, renuncia sua própria atividade de fantasia. A criança que, naturalmente, busca brincar com o pai, nesse caso, torna-se perigosa! Torna-se um risco para trazê-lo a um mundo de fantasias e deixá-lo vulnerável a um acidente de trabalho.

Na identificação com o pai na comunidade da recusa, que aparece no caso de Neusa. A criança se comporta como uma cuidadora do adulto, para de brincar para proteger o pai. Estabelece-se uma aliança em que não há fantasia, não há imaginação. Forma-se uma relação de dependência. E, quando o pai morre, rompe-se essa aliança.

O que ocupa a mente desse pai é o controle para evitar acidentes, fazendo com que Neusa tenha uma situação edípica particular. O “outro” do pai é o controle para evitar acidentes. O que move a menina é a necessidade de controle, de domínio, que se enraizou no controle esfínteriano – a pulsão de domínio (Dejours, 2019). A pulsão é rompida com a morte do pai. Neusa não consegue pensar o problema.

Para Dejours, o trabalho da analista deve ser o de ajudar Neusa a “pensar seus problemas”, habitar seu próprio corpo e entrar em contato com suas zonas proscritas por esse mecanismo falho de interação adulto-criança. Para ter uma relação amorosa, é preciso viver no seu próprio corpo – corpo este em que Neusa

nunca viveu em paz. Todo esse processo passa pelos jogos da criança com o próprio corpo e com o adulto. O adulto tem que ter grande flexibilidade psíquica para regredir e entrar em sintonia com a criança, o que vimos ter sido difícil no caso de Neusa, devido a uma rigidez do pai (e, em um segundo momento, de toda a organização familiar), que visava à prevenção de acidentes graves de trabalho.

Considerações finais

O Inconsciente amencial é parte constituinte do psiquismo de todas as pessoas, o que pode mudar é a sua extensão, tornando o indivíduo melhor ou pior preparado a lidar com as demandas da realidade.

No caso apresentado, Dejours mostrou que os filhos dos trabalhadores de risco desenvolvem sua área de inconsciente proscrito ou amencial, em grande parte, através do mecanismo da identificação com a mãe na comunidade da renúncia, deixando-os mais suscetíveis ao aparecimento de doenças psicossomáticas. No caso de Neusa, essa identificação com o pai e o desencadeante para o aparecimento dos sintomas foi sua morte.

Para Dejours, a possibilidade de poder habitar seu corpo, jogar com seu próprio corpo, traz a possibilidade de melhora. Essa possibilidade já vem sendo notada em algumas sessões. Um dia, como meu consultório fica no final do corredor, Neusa fez um comentário: “Eu estava vindo até aqui e pensei – pelo menos, eu já vejo uma luz no fim do túnel”. Quando, ao final da supervisão, Dejours me perguntou se seus comentários tinham sido úteis na compreensão do caso, aproveitei oportunamente a figura da paciente e respondi a ele que tinham sido uma luz.

Essa luz propagou-se na evolução do caso, já que o direcionamento para uma melhor elucidação do relacionamento da paciente com seu pai e a interpretação da sua identificação com os aspectos operatórios dele possibilitou uma melhora das crises psicossomáticas de Neusa e um aprofundamento na exploração de seus aspectos emocionais.

Bodies at risk: a supervisory experience with Christophe Dejours

Abstract: Workers who perform high-risk tasks develop their own psychic mechanisms to cope with the daily possibility of occupational accidents, with influence their family relationships. What would be the consequences for the development of their children? Neusa is a 36-year-old single woman seeking care due to gastrointestinal symptoms that began on the day of her father's funeral parlor. Despite living in the state capital, having a doctorate and playing an important role in her public employment, Neusa has few

friends, lives alone and her routine is still closely linked to her family who remains in the country. Neusa's case was taken for clinical supervision with Dr Christophe Dejours, who is psychiatrist, psychoanalyst at assistant at occupational medicine at Paris School of Medicine. He assumed that the traumatic factor triggering this patient's psychosomatic symptoms was the death of her father, a risk worker. These workers tend to suppress their fantasies and imaginative thinking in order to avoid accidents. Their children, in turn, can forget their own fantasy world by identifying with their parents. This identification can lead to the experience of not inhabiting one's own body. For Dejours, we live simultaneously in two bodies: the biological body, which is the body of the organs and functions, the body that appears on the anatomy planks, the one we examine under the microscope or that we treat with antibiotic; and the erotic body, which is the lived body the one we "inhabit" through which we experience life, suffering, pleasure, sexual arousal, desire. The biological body is innate and it is from that the erotic body is built, which is of the order of the acquired.

Keywords: Bereavement and psychosomatics. Identification with the mother in the resignation community. Psychosomatics and amental unconscious. Psychosomatics and at-risk workers.

Referências

- Calich, J. C.; & Radke, K. W. (2019). Apresentação da edição brasileira. In *Primeiro, o corpo*. Porto Alegre: Dublinense.
- Dejours, C. (2019). *Primeiro, o corpo*. Porto Alegre: Dublinense.
- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-209). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Laplanche, J. (2018). *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 16/09/2019

Aceito em: 23/09/2019

Dionela Pinto Toniolo
Rua Coronel Bordini, 830/311
90440-003 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: toniolodp@gmail.com